

## **Alguns comentários à *Historia Naturalis Brasiliae*<sup>1</sup>**

A obra rara *Historia Naturalis Brasiliae*, de Willem Piso e George Marcgrave, publicada pela prestigiosa oficina Elsevier em Amsterdam em 1648, continua sendo até hoje fonte importante para estudiosos de etnologia e etnolingüística sul-americanas, além das evidentes contribuições no campo das ciências naturais. Este artigo apresenta uma breve análise que situa o surgimento deste livro no contexto do domínio colonial holandês no Brasil bem como na conjuntura mais ampla da produção de conhecimento sobre o Novo Mundo no período moderno.

por Mariana Françoço<sup>2</sup>

### **Uma história natural do Brasil**

Publicado originalmente em 1648, o livro *Historia Naturalis Brasiliae*<sup>\*</sup> – em português conhecido como *História Natural do Brasil* – é uma dentre as obras seminais produzidas pelo encontro dos humanistas do Renascimento com a diversidade e a maravilha do Novo Mundo. Volume *in-folio* contendo pouco mais de 400 páginas, a obra inclui uma primeira parte, dividida em quatro livros, sobre medicina tropical, de autoria do médico holandês Willem Piso (1610-1678), e uma segunda, dividida em oito livros, sobre botânica, zoologia, além de comentários astronômicos, geográficos e etnográficos de autoria do naturalista alemão George Marcgrave (1610-1644).<sup>3</sup>

Por cerca de um século e meio depois de sua publicação, a *Historia...* ficou sendo a fonte de conhecimento por excelência sobre centenas de animais e plantas brasileiras, tendo sido suplantada apenas pelos trabalhos de Spix e Martius no século XIX. Ademais, foi a partir dos nomes usados neste livro para designar as espécies que o naturalista sueco Carl Lineu (1707-1778) baseou parte de sua taxonomia proposta na segunda metade do século XVIII (Whitehead & Boeseman 1989:27).

A história desta bela obra está diretamente ligada ao período que se convencionou chamar “Brasil Holandês”, isto é, o quarto de século em que a Companhia das Índias Ocidentais dos Países Baixos<sup>4</sup> logrou conquistar e governar parte significativa da costa nordeste da América Portuguesa (1630-1654), controlando assim a produção e venda de açúcar, principal produto da economia da colônia. Mais especificamente, a *HNB* foi

---

<sup>1</sup>Este texto apresenta uma breve reelaboração de alguns argumentos e trechos da minha tese de doutoramento, “*De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau-Siegen e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)*”, defendida em novembro de 2009 na Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. John M. Monteiro.

<sup>2</sup>Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Email: mfrancco@gmail.com

<sup>\*</sup>Nota dos editores: O título completo da obra, em latim, é *Historia Naturalis Brasiliae, in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Uma versão facsimilar da primeira edição, digitalizada pela biblioteca do Missouri Botanical Garden (EUA), pode ser acessada através da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju ([http://biblio.etnolingustica.org/marcgrave\\_1648\\_historia](http://biblio.etnolingustica.org/marcgrave_1648_historia)).

<sup>3</sup>Uma tradução para o português foi publicada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em duas partes: data de 1942 a parte de autoria de Marcgrave e de 1948, a de autoria de Piso.

<sup>4</sup>Doravante, WIC, suas iniciais em holandês: West Indische Compagnie.

elaborada graças à presença e ao mecenato do conde Johann Maurits van Nassau-Siegen (1604-1679), designado pela Companhia para ser governador-geral da colônia neerlandesa no Brasil. Nassau aportou em Recife em janeiro de 1637 trazendo consigo um grupo de artistas e cientistas cuja tarefa era observar e registrar a fauna, a flora e os habitantes locais. Neste grupo estavam os mais tarde celebrados pintores Albert Eckhout (ca.1610-1666) e Frans Post (1612-1680).

No ano seguinte, foi a vez de George Marcgrave e Willem Piso partirem rumo à América do Sul para se juntarem ao grupo de Nassau. Piso, filho de um músico alemão, nasceu em Leiden em 1611. Formou-se em medicina em Caen, na França, em 1633, e em seguida retornou à Holanda. Ali, residiu e praticou seu ofício em Amsterdam até ser convidado pela WIC para ir ao Brasil, com o intuito de substituir o falecido doutor Willem van Milaenen (?-1637) como médico do conde. A escolha de Piso deveu-se não só à sua formação como médico mas também ao seu conhecimento humanista e ao seu “trânsito pelos círculos letrados” de Amsterdam. Com efeito, ele era próximo de Johannes de Laet (1581-1649), um dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais, e aceitou o posto no Brasil ressaltando que gostaria de usar suas horas livres para fazer pesquisas sobre a história natural do país (Pies 1981:38-41). Escolha feita, o doutor ainda contou com a nomeação de dois ajudantes, ambos alemães matriculados na Universidade de Leiden: o estudante de medicina Heinrich Cralitz (?-1637), que faleceu pouco depois de chegar à colônia, e o naturalista George Marcgrave.

Marcgrave, nascido em 1610 em Liebstadt, na Saxônia, estudou botânica, matemática, medicina e astronomia em dez universidades diferentes, sendo Leiden a última delas. Lá, trabalhava no jardim botânico durante o dia e fazia observações astronômicas durante a noite no recém-construído observatório da universidade. Com treinamento de naturalista, astrônomo e cartógrafo, partiu para o Brasil em 1º de janeiro de 1638 e trabalhou sob supervisão de Piso até 1641. Depois daquele ano, possivelmente por conta de desavenças com Piso e por ter atraído a atenção do conde de Nassau, Marcgrave passou a fazer seus trabalhos sozinho. Participou de cinco expedições ao interior da colônia, durante as quais fez observações e anotações de história natural, astronomia e cartografia. A importância de seu trabalho era tal que Johan Maurits mandou construir um observatório para ele – o primeiro observatório astronômico do Novo Mundo – e forneceu, ainda, uma guarda militar que acompanhava o estudioso onde quer que estivesse (Boogaart & Brienen 2002:21). George Marcgrave foi o primeiro europeu a fazer observações astronômicas sistemáticas no hemisfério sul. Ademais, em 1643 elaborou um mapa da colônia neerlandesa mostrando informações topográficas inéditas coletadas durante suas expedições ao sertão. Este trabalho permaneceria sendo o mapa mais detalhado e atualizado sobre a região até o século XIX (Zandvliet 2002:206). Em 1644, Marcgrave viajou a Angola com a incumbência de desenhar um mapa do domínio holandês na África ocidental, porém faleceu antes de conseguir cumprir a tarefa.

### **Circulação de saberes**

A *HNB* é fruto direto do trabalho destes dois estudiosos na América do Sul; sua edição foi pessoalmente financiada pelo conde de Nassau. Porém, para bem entendê-la, é preciso começar lembrando que este é um livro póstumo – Marcgrave morreu em Angola por volta de 1644; a obra veio a lume quatro anos depois – e de autoria indireta. Segundo Peter Whitehead, Marcgrave teria confiado a Nassau os seus manuscritos sobre o Brasil

antes de partir para a África; além disso, quando faleceu, deixou um baú contendo “um livro; um dicionário de árabe; um herbário; vários manuscritos – dos quais dois em português; desenhos e manuscritos de história natural; manuscritos astronômicos; espécies animais, incluindo dois cavalos marinhos; sementes, frutas e raízes secas e insetos” (Whitehead 1979:432-433). Estes elementos foram distribuídos entre a Universidade de Leiden e Johannes de Laet, que recebeu os manuscritos e desenhos de história natural, uma vez que vinha se correspondendo com Marcgrave no Brasil precisamente sobre este assunto. Somente os insetos foram vendidos: o leilão ocorreu na cidade de Haarlem e arrecadou a então valiosa quantia de 4 mil florins.

Foi justamente Johannes de Laet o responsável pela edição da *História Natural do Brasil*. Tendo recebido de Nassau os manuscritos brasileiros e, em seguida, os manuscritos que estavam no baú de Marcgrave, De Laet lançou-se à tarefa de compor uma obra a partir destas anotações bem como daquelas redigidas por Willem Piso. O trabalho não foi pouco, dado que antes de tudo era necessário decodificar as informações compiladas pelo naturalista. Assim, o editor explica:

“Tendo-me sido entregues assim imperfeitos e desordenados os seus comentários, pelo ilustre conde João Maurício (com cujo auxílio, favor e gastos isto havia feito), de modo imediato surgiu não pequena dificuldade pois o autor, temendo que alguém lhe vindicasse os trabalhos, se por acaso algo lhe sucedesse antes de poder dá-los à luz pública, escreveu grande parte dos mesmos, e o que era de mais importância, com certos sinais por ele inventados, que primeiramente deveriam ser interpretados e transcritos, conforme um alfabeto deixado em segredo...”(Laet 1942 [1648]: s/p).

Receoso de que seus estudos pudessem ser roubados, Marcgrave havia feito suas anotações no Brasil em um código criado por ele mesmo, cuja senha parece ter entregado ao conde Johan Maurits. Segundo Brienen (2001:93), o real medo do estudioso era que seu colega Piso fizesse uso de suas descobertas – os dois cientistas desfrutavam de uma relação pouco amigável, especialmente depois de 1641, quando Marcgrave passou a trabalhar diretamente para Nassau e não mais sob supervisão do médico. A inimizade entre os dois autores explica em parte o motivo pelo qual De Laet, e não o próprio Piso, organizou a edição da obra conjunta. Com efeito, a escolha de De Laet para editar a obra deveu-se a uma série de fatores. De Laet era ele mesmo um estudioso de história natural e já havia escrito e publicado uma obra sobre o Novo Mundo, a *Niuewe Werelt ofte beschrijvinghe van West-Indien* (“Novo Mundo ou Descrição das Índias Ocidentais”, de 1625). Além disso, sua posição privilegiada como diretor da Companhia poderia garantir a Nassau que a obra por ele comissionada sairia da oficina Elsevier – a mesma que produzira o *Novo Mundo ou Descrição...* – com a qualidade e requinte que o conde queria associar a seu nome.

A presença de De Laet no livro de Piso e Marcgrave é significativa: além de decodificar, transcrever e organizar anotações de dois autores diferentes, o editor também adicionou ao texto mais de cem notas de sua própria autoria, sendo a maioria sobre plantas, sua especialidade. Quanto às imagens, incluiu “figuras de algumas plantas que faltavam e que procurei fossem desenhadas conforme às ervas secas por ele [Marcgrave] conservadas”. Para completar as imagens de plantas não incluídas na coleção do autor, o editor pediu ainda “que me enviassem os amigos muitas plantas secas e dispostas em papel mata-borrão (charta bibula)” (Laet 1942 [1648]: s/p). Esta é uma prova eloquente

do grande fluxo de espécies enviadas do Brasil para os Países Baixos e, conseqüentemente, para a comunidade científica do norte protestante.

Longe de significar uma “intromissão” do editor na obra de Piso e Marcgrave, o trabalho de De Laet corresponde fielmente à prática científica do período, que consistia justamente em confrontar o conhecimento vindo da tradição clássica com as informações que chegavam rotineiramente das novas terras descobertas. Aliados à reflexão pessoal e, como neste caso, à observação dos objetos e plantas trazidos de além-mar, as informações de “fontes alheias” eram valioso material de trabalho para o estudioso do período. Procurava-se, assim, apresentar ao leitor moderno um panorama o mais completo possível das três grandes regiões do mundo que os europeus estavam sedentos por conhecer. *A História Natural do Brasil* é, portanto, produto exemplar da ampla circulação de saberes sobre o Novo Mundo que transcorria nos Países Baixos do século XVII.

### Uma etnografia composta

A importância da *HNB* para os campos da botânica, zoologia e ciências naturais em geral é inquestionável. Ao mesmo tempo, as contribuições para o conhecimento das culturas e línguas dos povos indígenas sul-americanos não é menos relevante. A oitava parte da obra, chamada “Da Região e seus habitantes”, traz cinco capítulos dedicados à descrição física, dos costumes, da cultura material, da alimentação e da religião dos *brasilianen*, isto é, os indígenas tupi, que Marcgrave afirma estarem divididos entre os povos tupinambá, tobajara e potiguar, além dos tapuia, “nação [que] ainda se subdivide em muitas outras de diferentes nomes e línguas”. As descrições são detalhadas e geralmente incluem comparações entre os grupos tupi e tapuia.

Depois das informações etnográficas, De Laet incluiu um capítulo dedicado à língua dos tupi: Marcgrave havia iniciado algumas anotações de ordem lingüística mas, como estavam bastante incompletas, o editor decidiu dedicar um capítulo todo à língua-geral “conforme a gramática do Pe. José de Anchieta S. J”, sendo este o título do capítulo oitavo do livro oitavo. No capítulo seguinte, De Laet inclui um vocabulário tupi, fornecido pelo ex-jesuíta Manoel de Moraes (1596?-1651?), “sapiéntissimo, e certamente o primeiro em nomes da sua língua” (De Laet *apud* Marcgrave 1942 [1648]:275). Filho de mameluco, nascido na província de São Vicente, Moraes se tornou jesuíta na Bahia e depois foi trabalhar como missionário em Pernambuco, onde primeiro liderou tropas indígenas contra os neerlandeses para depois, em 1634, trocar de lado e se aliar aos holandeses.<sup>5</sup> Moraes viveu na Holanda por alguns anos em meados da década de 1630 e mantinha relações muito próximas com De Laet, que lhe conseguiu um salário pago pela WIC (Vainfas 2008:123).

Além dos indígenas do Brasil, o livro inclui um apêndice sobre os chilenos (Mapuche), com dados etnográficos e um vocabulário, com informações retiradas em parte de relatos espanhóis já amplamente divulgados. Com efeito, esta porção da *HNB* dedicada aos habitantes do Brasil e do Chile é um caso muito interessante de circulação e sobreposição de saberes, transmitidos por diversos autores tanto por via oral quanto textual. Sobre este oitavo livro, De Laet explica:

---

<sup>5</sup>Para uma interessante biografia de Manuel de Moraes, cf. Vainfas 2008. De acordo com este historiador, foi justamente na Holanda que Moraes teria elaborado suas duas obras sobre o Brasil: um dicionário de língua brasileira e o manuscrito *Historia Brasiliensis*, que nunca seria publicado, mas que entretanto deve ter circulado entre diversos eruditos neerlandeses, posto que foi citado por um punhado deles (Vainfas 2008:142).

“Compus o livro oitavo, que o autor apenas tinha esboçado, dando lhe apenas os títulos, com os vários meios por ele deixados e com outros que me subministrou benignamente o ilustríssimo conde mediante várias figuras; e pela semelhança de assunto ajuntei uma breve História das coisas do Chile, tal qual nos relataram os nossos, quando há pouco perlustraram aquela província e encontraram uma navegação para o mar Pacífico.” (Laet 1942 [1648]: s/p)

Neste sentido, é interessante a porção do texto de Marcgrave com uma descrição do Rio São Francisco, o segundo capítulo do livro. Ele contém anotações do autor mas também o itinerário de viagem de um certo Willem Glimmer, que liderou uma expedição saída da cidade de São Paulo chegando até o curso inferior do rio São Francisco. O relatório desta expedição, que deve ter ocorrido na primeira década do século XVII, ainda antes da chegada dos neerlandeses a Pernambuco, foi mais tarde entregue à WIC. De Laet recebeu cópia deste relato e assim julgou pertinente, “pelo valor da obra” (De Laet *apud* Marcgrave 1942 [1648]:263), incluí-lo na *HNB*. Ainda que se trate de viagem feita décadas antes da estadia de Marcgrave no Brasil, e que ela se refira a territórios que nunca chegaram a ser controlados pela WIC, a inclusão deste relato era importante porque ele tratava da busca por minas de prata no interior da América Portuguesa, bem como da possível colaboração prestada por grupos indígenas – tanto no fornecimento de informações quanto no acompanhamento das expedições. É importante lembrar aqui que a empresa colonizadora da WIC foi inicialmente montada partindo do pressuposto que os indígenas apoiariam os holandeses na guerra contra os portugueses.<sup>6</sup> Segundo Glimmer, na época em que vivia na capitania de São Vicente, chegou da Bahia um certo Francisco de Souza, trazendo consigo um metal de cor azul escura recebido de um indígena tupi. Animados com a possibilidade de aquilo ser uma pequena amostra de uma maior quantidade de prata disponível, o governador da capitania ordenou uma expedição ao norte para que se buscasse mais metal. Da expedição participaram cerca de oitenta homens, “tanto Lusitanos como Brasileiros” – isto é, indígenas tupi –, e o neerlandês Glimmer.

Ainda na oitava parte do livro de Marcgrave, pode-se encontrar mais dois relatos de neerlandeses que exploraram regiões específicas da colônia e lidaram diretamente com povos indígenas não submetidos ao governo do conde. São eles as relações de Jacob Rabbi e de Elias Herckmans, que tratam, ambas, dos índios tapuia. O alemão Rabbi chegou ao Brasil em 1637, com Nassau, e viveu quatro anos entre o grupo tapuia tarairiu. Era empregado pela WIC para ser “supervisor” dos tapuia, mas sua íntima relação com eles lhe conferia uma posição ambígua (e talvez perigosa) aos olhos da WIC (Boogaart 1979:528-529). Foi assassinado em 1646 em circunstâncias pouco conhecidas. Seu relato inclui uma interessantíssima descrição de um jogo dos tapuia que Curt Nimuendaju identificou como “uma das descrições mais objetivas da corrida de toras” (Nimuendaju 2001:178), costume tipicamente Jê. Elias Herckmans (1596-1644) foi designado pela WIC para ser diretor da capitania da Paraíba, mas além disso fez também uma série de expedições pela colônia. Seu relato presente na *HNB*, apesar de curto, traz uma valiosa

---

<sup>6</sup>Um ótimo estudo sobre a imagem dos indígenas da América como aliados em potencial dos holandeses pode ser lido em Schmidt (2001). No caso do Brasil, a expulsão dos holandeses de Salvador da Bahia em 1625 mostrou que a aliança com os indígenas era de fato fundamental, e teria de ser cultivada e planejada antes de um novo ataque às posses ibéricas no Novo Mundo.

apreciação de alguns costumes indígenas, especialmente na menção ao canibalismo funerário.

A presença, na *HNB*, dos relatos de Willem Glimmer, Jacob Rabbi e Elias Herckmans, além de elementos da gramática de Anchieta e da menção ao conhecimento lingüístico de Manuel de Moraes, evidencia, por um lado, o quanto a produção do conhecimento sobre o Novo Mundo estava atrelada ao projeto de exploração da colônia, mas, por outro, mostra também a dinâmica “colaborativa” e acumulativa desta mesma produção. Em outras palavras, foi o acúmulo de informações sobre a América Portuguesa durante décadas feito por viajantes, exploradores e os mais diversos agentes coloniais que permitiu a elaboração de uma obra tão rica como a *Historia Naturalis Brasiliae*. Cabe agora ao leitor contemporâneo colher e saborear os frutos que este livro, quase quatro séculos após sua publicação, ainda nos oferece.

### Referências bibliográficas

- Boogaart, Ernst van den. 1979. “Infernal Allies. The Dutch West India and the Tarairiu 1630-1654” In: Boogaart, E. (org.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. Essays on the occasion of the tercentenary of his death*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, pp.519-538.
- Boogaart, Ernst van den & Brienen, Rebecca Parker (orgs.). 2002. *Informações do Ceará de George Marcgarf (junho-agosto de 1639)*. Rio de Janeiro: Index/Petrobrás. Coleção Brasil Holandês, série VII, tomo I.
- Brienen, Rebecca Parker. 2001. Georg Marcgraf (1610–c.1644). A German Cartographer, Astronomer and Naturalist-Illustrator in Colonial Dutch Brazil. *Itinerario*, vol. 25, n. 1, pp.85-122.
- Laet, Johannes de. 1625. *Nieuwe Wereldt ofte beschrijvinghe van West-Indien wt veelderhande schriften ende aen-teeckeninghen van verscheyden natien by een versamelt*. Leiden: Elzevier.
- \_\_\_\_\_. 1942 [1648]. “Nota aos leitores”. In: Piso, W. & Marcgrave, G. *História Natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Tradução de José Procópio de Magalhães, sem números nas páginas.
- Marcgrave, George. 1942 [1648]. *História Natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Tradução de José Procópio de Magalhães.
- Nimuendaju, Curt. 2001. A Corrida de Toras dos Timbira. *Mana*, v. 7., n. 2, pp. 151-194.
- Pies, Eike. 1981. *Willem Piso (1611-1678). Begründer der kolonialen Medizin und Leibartz des Grafen Johann Moritz von Nassau-Siegen in Brasilien*. Düsseldorf: interma-orb Verlagsgruppe.
- Piso, Willem. 1948 [1648]. *História Natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Piso, Willem & Marcgrave, Georg. 1648. *Historia Naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantæ et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Amsterdam: Elzevier. Editado e anotado por Johannes de Laet.
- Schmidt, Benjamin. 2001. *Innocence Abroad. The Dutch Imagination and the New World, 1570-1670*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vainfas, Ronaldo. 2008. *Traição. Um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras.

- Whitehead, Peter. 1979. "Georg Marcgraf and Brazilian Zoology". In: Boogaart, E. (org.). *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. Essays on the occasion of the tercentenary of his death*. The Hague: The Johan Maurits van Nassau Stichting, pp. 424-471.
- Whitehead, P. J. P. & Boesman, M. 1989. *A Portrait of Dutch 17th century Brazil. Animals, plants and people by the artists of Johan Maurits of Nassau*. Amsterdam: North-Holland Publishing.
- Zandvliet, Kees. 2002. *Mapping for Money. Maps, plans and topographic paintings and their role in Dutch overseas expansion during the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries*. Amsterdam: Batavian Lion International.

***Submetido em 16 de janeiro de 2010***

***Aprovado em 23 de janeiro de 2010***

***Publicado em 3 de fevereiro de 2010***